

ESTUDOS LITERÁRIOS E LINGUÍSTICOS/DISCURSIVOS NA AMAZÔNIA PARAENSE

(Livro de trabalhos do IV EVEL)

Marcos dos Reis Batista
Suellen Cordovil da Silva
Organizadores

Autores e autoras

Ana Paula Vieira e Souza	Joyce Cristina Farias de Amorim
Antonia Camila Paulino Sales	Malúzia Ribeiro da Cruz e Rosa
Arlen Maia de Melo	Marcilene Damasceno Xavier
Cristiane de Mesquita Alves	Marcos dos Reis Batista
Cristina de Nazaré do Carmo de Souza	Maria Adélia Santos da Cruz
Danilo de Sousa Ferreira	Mayara Haydee Lima Sena
Elinaldo Chaves dos Santos	Míriam Cemira Pereira do Nascimento
Fernando Soares Lago	Paula Aleixo da Conceição
Haline Fernanda Silva Melo	Rayene Maria do Nascimento
Helder Fabricio Brito Ribeiro	Renato Carlos Dias de Oliveira
Hellen Cristina Aleixo Azeredo Moura	Sandra Regina Silva de Almeida
Janice Souza Santos	Thais Santana dos Santos
Joana Darc Almeida Barreto	Thomas Massao Fairchild
José Guilherme de Oliveira Castro	Vanda Ester Lira Costa
	Wellingson Valente dos Reis

φ editora fi

A PERSONAGEM FEMININA NA CONTÍSTICA DE JOSÉ VERÍSSIMO E INGLÊS DE SOUSA

Renato Carlos Dias de Oliveira

Marli Tereza Furtado (Orientadora)

Universidade Federal do Pará (UFPA)

INTRODUÇÃO

A figuração literária da Amazônia nos últimos anos do século XIX apresentou, através das obras de contos dos autores José Veríssimo¹ (1857-1916) e Inglês de Sousa² (1853-1918), singular representação. As obras destes autores estabeleceram, de certo modo, um paradigma para outras narrativas sobre o universo amazônico.

Este artigo é fruto da pesquisa *A Amazônia na contística de José Veríssimo e Inglês de Sousa*, vinculada ao grupo de pesquisa *A Amazônia em narrativas dentro e fora do cânone: tradição e ruptura*. Temos aqui o objetivo de analisar como as personagens femininas são retratadas nos contos *A sorte de Vicentina*, presente na obra *Cenas da vida amazônica*, de José Veríssimo e em *Amor de Maria*, conto pertencente à obra *Contos amazônicos*, de Inglês de Sousa.

Para discutir a produção dos autores, evidenciando a questão social que os contos carregam, bem como a relação com a figuração das personagens femininas nas narrativas em destaque, serão abordados neste artigo os trabalhos de Fábio Lucas (1987), Marli Furtado (2015), Amarílis Tupiassú (2016), Antonio Dimas (2011), Vicente Salles (1990) e Israel Araújo (2013).

1 Cenas da vida amazônica (1886).

2 Contos amazônicos (1893).

OSÉ VERÍSSIMO E INGLÊS DE SOUSA: ESCRITORES DA AMAZÔNIA

Óbidos, município do interior do estado do Pará é a cidade natal de dois grandes nomes de nossas letras, do intelectual José Veríssimo, conhecido tanto por seus estudos e ensaios nas áreas das ciências sociais e educação quanto por sua crítica literária de abrangência internacional, e do ficcionista Inglês de Sousa, político e literato canonizado nos manuais de literatura por conta de consagrados romances e contos realistas-naturalistas.

Para Benedito Nunes (2011), “é difícil separar a figura de José Veríssimo da de Inglês de Souza”, não propriamente por ambos pertencerem à mesma cidade e serem coetâneos, ou mesmo pelo fato dos dois autores migrarem para o sul em determinada fase de suas vidas, esta dificuldade se dá pela apreensão da Amazônia através do estrato da imaginação, pela qual os autores se valem em suas produções ficcionais.

Eis o que verdadeiramente liga José Veríssimo a Inglês de Sousa: o estrato amazônico da imaginação de ambos – a imaginação material, como o chamaria *Gaston Bachelard*, fluvial, florestal, planicária, feita de água, de vegetação, de horizontes planos – sobre o lastro da cultura nativa, mestiça (...). (NUNES, 2011, p.65).

Nunes introduz uma semelhança fundamental entre Veríssimo e Sousa, pois através da criação ficcional estes autores traçaram “no mesmo estilo realista da época” uma sedutora atmosfera de “ambiências locais”. A Amazônia, portanto, será o espaço no qual estes prosadores irão se debruçar para ambientar suas narrativas, pintando um verdadeiro quadro de costumes e crenças, imprimindo nas suas narrativas, cada qual com seu estilo, a crítica social, como nos sublinha Marli Furtado (2015):

Se pensarmos a partir do Realismo, enquanto movimento estético literário do século XIX, no qual o romance brasileiro amadureceu

nas mãos de Machado de Assis e, por que não, nas de Aluísio Azevedo, temos dois nomes de relevo: Inglês de Souza e José Veríssimo, ambos filhos da terra e que impingiram às suas obras um tom social. (FURTADO, 2015, p. 95).

José Veríssimo e Cenas da Vida Amazônica

Pioneiro em importantes estudos da etnografia e da etnologia Amazônica, José Veríssimo Dias de Matos publicou estudos e ensaios que embarcam, como já fora mencionado, as áreas das ciências sociais e da educação, desta última, especificamente, ele voltou-se para “os impasses e a necessidade de renovação da escola no Brasil” (TUPIASSÚ, 2016, p.49). De suas obras voltadas para estes ramos temos, por exemplo, *A Educação Nacional* (1891), *A Amazônia* (1892), *A pesca da Amazônia* (1895), dentre outras.

Como crítico, Veríssimo publicou diversas obras, dentre elas: *O que é literatura?* (1907), seis volumes de *Estudos de literatura brasileira*, realizadas entre os anos de 1901 há 1907, (sendo o sétimo um volume póstumo, publicado somente em 1979), e *História da literatura brasileira*, obra que teve sua primeira edição lançada no ano de sua morte, em 1916. Sobre sua fortuna crítica vejamos a observação de Amarílis Tupiassú (2016):

A vasta obra crítica de José Veríssimo é tarefa de inestimável inovação no Brasil da atuação do escritor, já naqueles idos, “O feminismo no romance”, um Brasil onde falar de livro era elogiar ou malhar um escritor. José Veríssimo livra-se desse armadilha e desenvolve seu julgamento em senso objetivo, o ajuizamento que contempla a etimologia do verbo grego *crinein* de que adveio a palavra crítica que significa julgar, a rigor, julgar com isenção e objetividade. Nessa acepção o ajuizador investiga a obra, a crítica cingida à malha do texto poético, às qualidades estéticas, fora de critérios individualistas como ‘eu acho que este livro é bom porque me emociona’; ‘é bom porque eu gosto’ etc. (TUPIASSÚ, 2016, p. 49).

Veríssimo atuou como colaborador de diversos periódicos e revistas, dentre elas, a *Revista Amazônica* da qual foi fundador e diretor. Posteriormente, em participação e contribuição à *Revista Brasileira*, participou da idealização e da formação da Academia Brasileira de Letras, instituição da qual fora um dos membros fundador.

Cenas da Vida Amazônica, obra da qual está presente um dos contos que nos ocuparemos neste artigo, *A sorte de Vicentina*, teve sua primeira edição lançada no ano de 1886, pela editora Cardoso de Lisboa, Portugal. Junto à primeira edição, encontrava-se anexado um estudo sobre as *Populações indígenas e mestiças da Amazônia*³, estudo em que Veríssimo apresenta uma análise de caráter etnográfico sobre a população da região, mas que fora suprimida da segunda edição, publicada no Brasil em 1899, pelo próprio autor. A obra, além da narrativa analisada neste artigo, apresenta mais três contos: *O boto*, *O crime do tapuio* e *O voluntário da pátria*. Em edição posterior foi acrescentado à *Cenas da vida amazônica* algumas narrativas incompletas de Veríssimo, intituladas *Esboços*, mas que foram publicadas pela primeira vez com o título de *Quadros Paraenses*, em 1877.

Inglês de Sousa e Contos Amazônicos

Herculano Marcos Inglês de Sousa nasceu em Óbidos em 28 de dezembro de 1853. Aos onze anos de idade, para concluir os primeiros anos de ensino, mudou-se para o estado do Maranhão. Três anos depois, mais uma vez, muda-se, agora para o Rio de Janeiro, onde foi internado no Colégio Perseverança. Já aí, na adolescência, o fascínio pela literatura e pela escrita, levaram-no a compor sua primeira obra, segundo Vicente Salles (1990):

3 Em nota à segunda edição de 1899, justifica-se José Veríssimo: “Este livro saiu na sua primeira e péssima edição de Lisboa precedido de um estudo (...) que ora se suprime para dá-lo, também corrigido, num dos futuros volumes dos Estudos brasileiros do Autor.”.

Em 1867, com 14 anos de idade, foi internado no Colégio Perseverança, Rio de Janeiro. A vocação literária fora despertada precocemente e ainda contava com 14 anos de idade quando o diretor do Colégio Perseverança confiscou do recém-chegado aluno os manuscritos de “Obras Completas de Herculano Marcos Inglês de Sousa”. (SALLES, 1990, p.10).

Infelizmente, destes escritos, nada se sabe além de seu registro. Já na idade adulta, Inglês de Sousa publica obras jurídicas e elabora uma obra que recebe o título geral de *Scenas da Vida do Amazonas*, composta pelas obras *O Cacaulista* (1876), *História de um pescador* (1876), *O Coronel sangrado* (1877), sendo esta a obra pela qual o autor é considerado por Lúcia Miguel-Pereira (1857), como o introdutor do Naturalismo no Brasil. É importante destacar que estes títulos, o prosador assinou sob o pseudônimo de Luiz Dolzani. Já as obras *O Missionário* (1891) e *Contos Amazônicos* (1893), foram assinadas com seu próprio nome, e também pertencem ao quadro de obras de *Scenas*.

Inglês de Sousa também se dedicou à política, foi eleito, inclusive, presidente do Espírito Santo. O escritor organizou a *Revista Nacional de Ciências, Artes e Letras*, e ao longo de sua vida recebeu vários títulos, dentre estes, destacamos o de sua participação na Academia Brasileira de Letras, em 1896.

Contos Amazônicos, última obra ficcional publicada pelo autor, é um livro que possui nove contos, *Voluntário*, *A feiticeira*, *Amor de Maria*, *Acauã*, *O donativo do capitão Silvestre*, *O gado do Valha-me-Deus*, *O baile do Judeu*, *A quadrilha de Jacó Patacho* e *O Rebelde*. Esta obra de contos apresenta um quadro dos costumes e lendas da região, reiterando a tradição mítico-selvagem desse espaço, e insere personagens que transitam em um ambiente marcado pela forte presença da floresta, do imaginário e dos problemas históricos, políticos e sociais.

A Personagem feminina

Neste artigo, procuramos focalizar as protagonistas dos contos *A Sorte de Vicentina*, de José Veríssimo e *Amor de Maria*, de Inglês de Sousa. Deste modo, procuramos evidenciar que, embora as narrativas componham o drama pessoal das personagens protagonistas, Vicentina e Maria, também demonstram um caráter social que se amplia a um quadro maior, pois para Fábio Lucas (1897):

O ficcionista social, do nosso ponto de vista, será aquele capaz de representar nos seus tipos e heróis a perdida unidade do homem, isto é, fixar aquele ser a quem roubaram horizontes, mas que aspira a ser íntegro numa sociedade que o mutila. Ao desvendar mecanismos ocultos, a personagem, pode tanto estar encontrando a gênese de sua mutilação e denunciando-a, quando se agregando a todos em igual situação para a superação do sistema que os coisifica e esmaga (LUCAS, 1987, p.8).

Nossa perspectiva, portanto, é a de refletir a situação de subalternidade e o lugar destas personagens dada a postura autoritária frente à mulher nas províncias amazônicas, nos atentando para o tom de crítica social presente na produção ficcional destes autores.

A sorte de Vicentina

A Sorte de Vicentina é o quarto conto presente em *Cenas da vida amazônica*. De acordo com Tupiassú (2016), em relação às outras narrativas que a antecedem, “é a que mais se ressentida de lógica textual e qualidade narrativa”, isto se dá em decorrência do “derramamento de uma trama cheia de imbróglios *nonsense*, mal amarrados, excessivamente puxados” (TUPIASSÚ, 2016, p58).

Deste modo, apresentar o resumo da narrativa torna-se um verdadeiro desafio, embora necessário, para que possamos

estabelecer a temática do conto. Apresentaremos aqui os pontos principais da narrativa para que possamos delinear como a personagem feminina é representada na obra.

Dividida em quatro partes, *A sorte de Vicentina* apresenta um narrador onisciente, sua primeira parte focaliza a distância entre a vila de Monte Alegre e a morada da personagem, que compartilha com sua avó Teresa, no extremo do povoado do Ererê. Esta primeira parte é permeada de descrições minuciosas sobre a fauna e a flora local, pois Veríssimo carrega nas descrições compondo um cenário exuberante, marcado pela forte presença da floresta amazônica.

Na segunda parte, o narrador faz um recuo temporal para evidenciar as histórias de rivalidade política e pessoal dos moradores do Porto e da Vila de Monte Alegre, tendo, como fruto dessa discórdia, a localização do correio municipal. Além de abordar essa disputa pelo correio, temos conhecimento do núcleo familiar de Vicentina, de sua avó Tereza, artesã que pintava cuias e do envolvimento “vulgar” entre sua mãe Maria do Jutai com o taberneiro português Manuel Serafico. Desse envolvimento entre Maria e Manuel nasce Vicentina, que, logo após a morte de seu pai em decorrência de uma “picada de arraia”, torna-se uma infeliz vítima da vingança de seu tutor, Antônio, um morador do porto, pois este não era correspondido por Maria.

Enquanto viúva, Maria é descrita pelo narrador como uma mulher que despertava o interesse de diversos partidos. Dentre seus pretendentes, Maria escolhe Joaquim Espeto, um morador da vila, fato que lhe custa a guarda de sua filha. Dada a preferência de Maria por Joaquim Espeto, seu rival, Antonio do Porto, move uma ação para tirar Vicentina da guarda de sua mãe. Mais uma vez, esta atitude reacende as antigas rivalidades entre os moradores das duas localidades. Trava-se então uma batalha legal pela guarda da menina.

O Antônio do Porto, em verdade, bem se esforçara para substituir o amigo morto na afeição de Maria, pelo que grandíssimo foi o

despeito pela predileção dada ao Espeto. O despeito transformou-se em raiva, quando este carregou com a rapariga para sua casa na Vila. Lembrou-se então dos seus direitos de tutor, obteve do juiz dos órfãos que a menina lhe fosse entregue. A entrega de Vicentina ao Antônio do Porto foi o sinal da luta entre ele e o Espeto, luta que escapou de atear todo o Monte Alegre e na qual o advogado pôs à mostra todos os recursos de chicanista, reforçados desta vez por sua boa vontade de amante feliz. (VERÍSSIMO, 2011, p.178).

A primeira vitória no caso fora do tutor de Vicentina, no entanto, vemos que a personagem, ainda criança, sofre de maus tratos por parte de Antonio e de sua amásia. Enquanto Antônio do Porto desforrava-se em agressões à menina vingando-se das recusas de Maria e do confronto legal com o advogado de Espeto, sua amásia a agride por ciúmes dado o interesse de seu homem pela mãe da menina.

A questão da infância evidencia-se nesta narrativa, Vicentina fica à mercê da disputa legal e dos interesses dos homens, seu destino é traçado através dos ciúmes e da ganância, tendo em vista que a menina tinha direito a uma herança de terras e uma pequena fortuna de “quatro ou cinco contos de réis”, deixadas pelo seu pai. Desta herança, nada resta ao final da narrativa. O narrador ainda sugere que as informações sobre o que se sucedia à Vicentina, eram repassadas de boca a boca pelos vizinhos, sobretudo, pelas vizinhas:

Enquanto isso se passava, Vicentina, alheia ao litígio de que porventura dependia sua sorte, vivia em casa de tutor, afligida e avexada já por ele, que fazia pagar à pobre rapariguinha em maus tratos, que lhe dava a repulsa de Maria e os ataques do advogado, já pela sua amásia, que desforçava-se nela em vexames, dos ciúmes que lhe fizera curtir o Antônio, quando requestava a mãe. Estas sevícias, que da boca dos vizinhos e principalmente das vizinhas divulgaram-se por toda a Vila, não escaparam ao Joaquim Espeto para representar contra o português requerendo um exame de corpo de delito na pequena que, no seu dizer ao menos, se morria literalmente de pancadas. (VERÍSSIMO, 2011, p.180).

Após a árdua batalha judicial travada entre os personagens e seus representantes legais, sempre ocupando o interesse dos moradores de suas respectivas localidades e envolvendo, também, os partidos políticos locais, ficou decidido que a menina Vicentina fosse “depositada” na casa de capitão Honório Rodrigues, “chefe de família respeitável, fazendeiro abastado e morador na vila”. No entanto, em uma última manobra do advogado de Antonio do Porto, a menina é entregue aos cuidados de seu amigo, o fazendeiro Venâncio Souza, por determinação do Juiz, que, para Espeto, ressentia-se por também ter sido um pretendente da mão de Maria.

Em extenso parágrafo, o narrador descreve as características da personagem protagonista, nesta altura da narrativa já com quatorze anos de idade:

Da casa do tutor passou Vicentina para a de Venâncio Souza. Esta mudança em nada melhorou a sua sorte. Ali continuou a viver desestimada, empregada em misteres servis, como qualquer dos escravos da sua idade, que por esse tempo frisava os quatorze anos. Não a mandaram jamais à escola, evitando que aparecesse, talvez com medo de que não a arrebatassem violentamente. Andava descalça, maltratada e desprezível. Tinha uma índole meiga e do seu gesto triste ressumbrava uma grande ternura, pronta para expandir-se, se não lh’a houvessem recalcado n’alma à força de vexames. Os maus-tratos de que se achou vítima, quando seu espírito abria-se para a vida, quer na casa do tutor, quer nesta para onde, uma noite escura, a trouxeram, lhe haviam aumentado a sensibilidade em vez de lh’a embotarem. Humilde até a chateza do verme, e medrosa como quem sente a pancada sempre pronta a bater-lhe, as lágrimas lhe borbulhavam sem custo dos grandes olhos negros, que talvez por serem, como lhes chamou alguém, os espelhos d’alma, tinham uma expressão dolorosa e triste. Malgrado a magreza extrema e valetudinária palidez em que a tinham posto o ruim tratamento, era uma linda criança. No seu rosto comprido, de nariz pequeno entre chato e afilado, boca miúda tristemente risonha, a testa curta, sombreada pela descuidada madeixa, lisa e negra, brilhavam com o intenso fulgor das pupilas dos tísicos dois grandes olhos muito redondos, pretos como carbúnculos, muito úmidos, que ela, se por acaso lhe sorria

alguém, movia lentamente com uma expressão inefável de tristeza e bondade (...). (VERÍSSIMO, 2011, p. 182-184).

Evidencia-se na descrição da personagem que empresta o nome ao título do conto, que a bondade e a beleza não foram apagadas do cerne e da alma da menina, apesar da miséria e dos maus tratos que sofrera. Vicentina é descrita como “uma linda criança”, mesmo quando negligenciada e humilhada por quem lhe detém a guarda.

Ainda na segunda parte do conto o narrador elucida-nos que o caso de Vicentina aos poucos já estava sendo esquecido pela população da vila, no entanto, a menina continuava sob a tutela de Venâncio Souza e estava fadada a uma vida infeliz e subserviente. Em mais uma cena a personagem é vítima de outro episódio de maus tratos e se descortina, mais uma vez, o descaso para com a figura da mulher, a protagonista torna-se vítima de violência sexual, ato do filho mais velho de Venâncio Souza.

Uma noite – quando estava quase morto o pleito travado na Vila por sua causa – ela dormia no seu quartinho lôbrego. Acordou sobressaltada, sentindo alguém na rede consigo, a pressão nervosa de dois braços que a aconchegavam a si, a babugem de uns beijos lúbricos nos seus lábios descorados. Soltou um gritozinho de medo, já com os olhos inundados de lágrimas. Taparam-lhe incontinente a boca, dizendo-lhe ao ouvido:

–Sou eu.

Reconheceu a voz do filho da casa, não resistiu, e, apavorada, tiritando entre soluços abafados pelos beijos dele, entregou-se inconscientemente, passivamente, como um cadáver. Essa noite toda depois que ficou só levou a chorar sem perceber por que, afogando as lágrimas com o pano sujo da rede. (VERÍSSIMO, 2011, p.184-185).

Apesar de vítima da ação violenta, Venâncio e sua esposa, D. Eufêmia, culpam, castigam e agridem a moça. Na tentativa de abafar o caso, eles tramam junto ao tutor de Vicentina, Antonio do Porto, um casamento para livrarem-se de possíveis processos judiciais. Eis,

que no fim desta segunda parte da narrativa, Vicentina é casada à força com um vaqueiro chamado de Chico Mulato.

Na terceira parte do conto, o narrador apresenta, mais uma vez, o triste destino que tivera a personagem ao se casar com o vaqueiro. As constantes cenas de violência a que Vicentina se destina são ressaltadas pelo pavor brutal que sente de seu marido, quando ele, em lapsos de violência após a embriaguez, ou quando ele, em uma “ternura brutal horripilante” aproxima-se dela.

Vicentina foi com o marido para a fazenda do Venâncio Souza. Ao cabo de oito dias, ele apanhou uma carraspana e bateu-a rudemente. Fora destas ocasiões, que se repetiam todas as vezes que se embriagava, ele era ou indiferente, o que ela preferia, ou de uma ternura bestial horripilante, de espavorir a mulher quando apertava-a, a sumi-la, tão mirrada estava, nos seus braços cabeludos, como os de um enorme macaco, para beijá-la nos lábios finos, com a sua boca torpe, tresandando a cachaça requentada no estômago. (VERÍSSIMO, 2011, p.193-194).

O drama de Vicentina segue junto a seu esposo, agora vivendo em uma região isolada, próxima ao Igarapé do Irerê. Após mais um lapso de violência e fúria de Chico Mulato, desta vez, em investida assassina contra a filha pequena do casal, o narrador apresenta, enfim, o primeiro ato de resistência da personagem, até então levada passivamente pela ação dos homens em uma maré de infelicidades e infortúnios.

Vicentina, como a gata humilde que o ataque da prole desperta no instinto felino, miou de angústia ante o perigo que ameaçava a filha, e rápida como o pensamento que a guiara lançou-se a ela, suspendeu-a nos braços e, heroica e assustada, encarou o marido, pronta para fugir ao bote cuja premeditação lia-lhe nos olhos esbugalhados. Era na sua vida o primeiro movimento de resistência. (VERÍSSIMO, 2011, p.201).

Em fuga, as cenas são de desespero e agonia. A personagem foge com sua filha ao colo pela floresta, no entanto, o encontro com

uma onça a faz perder-se de sua filha, e, o pavor, a faz abandoná-la para morrer nas garras da criatura.

Na quarta e última parte da narrativa o narrador sintetiza o que sucedera à Vicentina após o fim trágico de sua filha. Agora órfã de mãe, a protagonista é esquecida pelo marido, que pouco faz questão de sua presença, e passa a viver com a avó Teresa. A moça envolve-se ainda com mais três homens, do primeiro, primo e parente seu, é trocada por outra mulher, do segundo, proprietário de uma venda, ela mesma o abandona, pois ele a agredia, enfim, com o terceiro fora feliz, com ele parte para a localidade descrita no início do conto, mas logo se torna viúva, passando a viver só com sua avó, descrita como uma grande benzedeira local.

Uma linha de acontecimentos infortúnios, determinados pela ação dos homens, constitui a triste sina da personagem Vicentina. Sempre à margem, em clara denúncia à situação feminina da região, o narrador nos apresenta uma série de fatos que comprovam e firmam a temática da violência contra a mulher. Para Antonio Dimas (2011), o que une os personagens dos contos de José Veríssimo “é a total falta de autonomia individual”, pois “fragilizam-se ainda mais quando arrancados de suas comunidades originais, de suas estufas protetoras” (DIMAS, 2011, p.28). Sendo assim, a atitude passiva que Vicentina assume ao longo de praticamente toda a narrativa é fruto da situação marginalizada frente o autoritarismo daqueles homens que detêm o poder.

Portanto, o drama da personagem Vicentina representa um drama maior, a situação da mulher oprimida, da mulher silenciada e vítima dos desejos alheios (lê-se, dos desejos masculinos), da violência e crueldade do discurso de subalternidade feminina impresso e perpetuado no contexto da sociedade patriarcal.

Amor de Maria

Terceiro dos nove contos que compõe a obra *Contos amazônicos, Amor de Maria*, apresenta, através das recordações do

narrador, um procurador do município de Vila Bela, contadas em meio a uma espécie de roda de conversas, a tragédia que se abatera sobre a personagem “Mariquinha”, uma desgraça da qual fora “autora e vítima”.

Já no início da narrativa o procurador parece descrever uma personagem sedutora, carregada de encantos físicos, daí sua reação ao declarar que o enredo da desgraça de Maria deixara marcas profundas em seu espírito. O narrador a descreve como:

(...) uma donzela de dezoito anos, alta e robusta, de tez morena, de olhos negros, negros, meu Deus! de cabelos azulados como asas do anum! Era impossível ver aquele narizinho bem-feito, aquela mimosa boca, úmida e rubra, parecendo feita de polpa de melancia, as mãozinhas de princesa e os pés de Borradeira, impossível ver aquelas perfeições todas sem ficar de queixo no chão, encantado e seduzido! (SOUZA, 2005, p. 42).

Da mesma forma que Mariquinha é descrita como uma “moça de família”, “encantadora”, também é vista pelo narrador como “feiticeira”, capaz de transtornar a cabeça de qualquer homem, do mais moço ao mais velho que se encontrasse frente a seus atributos femininos. Vê-se a personagem sexualizada por este narrador:

Quem nunca viu a afilhada do Álvaro Bento (à boca pequena se dizia ser sua filha natural) não pode ajuizar das desgraças daquela moça, que transtornava a cabeça a todos os rapazes da vila, obrigava os velhos a tolices inqualificáveis e deixava no coração dos que passavam por Vila Bela uma lembrança terna, um doce sentimento, um desejo vago. Quando nas contradanças a moça embalava brandamente os quadris de mulher feita e os seios túrgidos tremiam-lhe na valsa, um murmúrio lisonjeiro enchia a casa, era como um encanto mágico que percorria os ares prendendo com invisível cadeia os corações masculinos aos passinhos miúdos da feiticeira. (SOUZA, 2005, p.42).

Embora sejam colocados tais predicados sobre a figura de Maria, o narrador sublinha que a personagem era alguém que não confiava nos seus encantos, para tanto, se valia de “crendices tolas e de meios aconselhados pela ignorância, de mãos dadas com a superstição” (SOUZA, 2005, p.42), uma forma de subjugar a personagem e suas crenças. Este é um discurso presente nas narrativas de Inglês de Sousa, pois põem à tona as ideias opostas dos homens que detêm o conhecimento e discursam a razão e daqueles homens que põem fé nas crenças locais e no conhecimento empírico. Indubitavelmente, em *Amor de Maria* “o triunfo da razão” (TUPIASSÚ, 2005, p.23) é concretizado através da intervenção do narrador.

Apesar desse discurso sobre a personagem e seu pensamento, o narrador acrescenta que ela era uma personagem bem quista por todos, de presença agradável, pois era sempre convidada para “passar o dia em casas amigas”. Em determinado momento coloca-se as recusas da personagem frente os pedidos de matrimônios de diversos homens, inclusive, fica subtendido, no ponto de vista do narrador, que Maria dispensou bons partidos como o tenente Braz, o capitão Viriato e o doutor Filgueiras:

Desde que chegara aos quatorze anos, começara a moça a ser pedida em casamento e aos dezoito recusara nove ou dez pretendentes, coisa admirável numa terra de poucos rapazes solteiros. Entre os namorados sem ventura, posso apontar o tenente Braz, o capitão Viriato e o doutor Filgueiras, que nem por isso era o menos caído. Se a interrogavam sobre a razão de um procedimento pouco comum às moças pobres, a Mariquinha tinha um sorriso adorável dizendo:

— Ora, não tenho pressa. (SOUZA, 2005, p.44).

Para Araújo (2013) a resistência da personagem feminina esta centrada aí, nas recusas de Maria, na sua capacidade de escolha em não aceitar qualquer partido, em recusar o matrimônio até aquela idade (dezoito anos), que, para o contexto, “equivale a uma

transgressão ao ordenamento social/cultural vigente a sua época” (ARAÚJO, 2013, p. 215).

No entanto, com a chegada do filho do capitão Amâncio de Miranda, Lourenço, em Vila Bela no mês de dezembro do ano de 1866, o narrador descreve com excelentes adjetivos o moço que, destoando dos homens locais, denominados pelo procurador como “matutos”, ressalta as qualidades do rapaz, bem como a atenção que recebera de todos, sobretudo das moças:

O filho do capitão Amâncio era um rapaz alto e louro, bem-apeesoado. Imaginem se devia ou não agradar às moças de um lugarejo, em que toda gente é morena e baixa. Acrescia que Lourenço tinha uns modos que só se encontram nas cidades adiantadas, vestia à última moda e com apuro, falava bem e era desembaraçado. Quando olhava para algum dos rapazes da vila, através de sua luneta de cristal e ouro, o pobre matuto ficava ardendo em febre. Demais, chegara ao Pará, sabia as novidades, criticava com muita graça os defeitos das moças. E montava a cavalo com uma elegância nunca vista, e que eu (apesar de já ter estado no Pará, no Maranhão e na Bahia) não podia deixar de admirar. (SOUZA, 2005, p. 45-46).

A figura de Lourenço, a princípio, não fora bem vista pela protagonista. Assim como sucedeu com uma parcela da população, que era obrigada a fazer-lhe elogios, embora os “modos petulantes” do rapaz não agradasse a todos, Mariquinha também compartilhava dessa opinião, mas, segundo coloca o narrador, tecendo o rumo de sua desgraça, “logo foi castigada pela liberdade com que falara do homem, cuja vida seria ligada a seu destino” (SOUZA, 2005, p.46).

O que sucedera a partir deste ponto fora a paixão que tomara conta da personagem, quando, em um passeio que fizera em companhia de um “bando” e de Lourenço, obtivera sua atenção.

Foi ali, à beira desse tranquilo e pitoresco lago, formado por águas do Amazonas, que o capitão Amâncio e os amigos passaram aquele formoso dia, de fins de dezembro, que tão fatal devia ser à faceira Mariquinha. Os galanteios de Lourenço, as suas maneiras

delicadas, a excitação da vaidade pela emulação provocada pela filha do juiz, despertaram no coração da afilhada do Álvaro Bento uma paixão profunda. A primeira revelação desse sentimento teve a Mariquinha no despeito intenso causado pelas manobras da filha do juiz para apoderar-se da atenção de Lourenço de Miranda. Este, depois de ter se ocupado quase toda a manhã de Mariquinha, como por uma rápida mudança pôs-se a trocar amabilidades claras com a filha do juiz, petulante trigueirinha de vinte anos. (SOUSA, 2005, p. 48-49).

O narrador acrescenta que a partir deste fato, a personagem “já não ocultava mesmo a tristeza que se apoderara de seu coração”, pois, claramente Lourenço “namorava às claras a Lucinda, a filha do juiz, a moça mais feia de Vila Bela” (SOUSA, 2005, p.49), e, em muito se caracterizava esta aproximação do rapaz como uma investida interesseira.

Dado o fato, a protagonista, em outra ocasião, teve a oportunidade que desejara, em um passeio que fora a contra gosto, tendo Lucinda ficado em Vila Bela por conta de um mal estar, conseguiu encontrar-se a sós com Lourenço, “apesar de cercados pela vigilância suspeitosa de amigos e parentes” (SOUSA, 2005, p.51). O rapaz a enganara, mais uma vez, alegando que era a Mariquinha que desejava e que estava apenas divertindo-se com a tola Lucinda. Mas a felicidade da personagem não durara muito, pois, em uma reunião na casa de Capitão Amâncio, Mariquinha presenciou a troca de “abraços e beijos, galanteios recíprocos à vista de todos” entre Lourenço e Lucinda.

Após este fato, recebe conselho de Margarida, sua “mãe preta” que lhe conta a respeito do sumo de um tajá que, quando bebido, era um “remédio que não falha” (SOUSA, 2005, p. 55) e que possuía a capacidade de enfeitiçar e despertar o interesse e o afeto de qualquer um. Em oportunidade, Mariquinha depositou algumas gotas do sumo no café de Lourenço, no entanto, desconhecendo o poder mortal da planta, que ceifa a vida de Lourenço. A partir daí, a moça “desaparecera de Vila Bela, sem que jamais se soubesse seu

paradeiro.” (SOUSA, 2005, p.57). E assim, o narrador finaliza a narrativa, acrescentando ainda, que, naquela localidade, ao tajá deuse o nome de Amor de Maria.

Notamos, sob nossa perspectiva adotada, que a personagem Mariquinha, é descrita sob um olhar masculino que a vê de forma sexualizada. Além disso, em um discurso implícito feito pelo narrador/procurador, a postura da protagonista em recusar o matrimônio ou mesmo quando se encontra com Lourenço às escondidas, configura-se como um silenciamento da autonomia e dos desejos da personagem.

Dado o estilo Realista-Naturalista adotado por Inglês de Sousa, o discurso do narrador se apresenta com uma característica peculiar, a influência do meio agindo sobre as personagens femininas da região: “Vivia triste e aflita, vítima indefesa de uma paixão ardente, de uma dessas paixões que a gente só admite nas novelas, mas que também existem na vida real, principalmente entre as mulheres de nossa terra, impressionáveis ao extremo. (SOUSA, 2005, p. 50).

Notamos, inclusive, que raras são as vezes que a personagem detém a palavra, o discurso do narrador reflete um autoritarismo que inibe a personagem feminina, exigindo-lhe uma postura, que, pelos atos de Maria, mostram uma resistência ao comportamento exigido naquele contexto e naquela sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, notamos que as narrativas de José Veríssimo e Inglês de Sousa aproximam-se nas descrições dos quadros da região, evidenciam as crenças, a natureza e o comportamento do homem da região, fortemente marcada sob o signo da miscigenação e do clima.

Das narrativas que foram analisadas, notamos que as protagonistas femininas, que emprestam nome ao título dos contos, *A Sorte de Vicentina* e *Amor de Maria*, representam além de seus

dramas pessoais, a representatividade do discurso que se sobressai a respeito da figura feminina na região.

Marcadas pela imposição masculina, as personagens, cada uma a seu modo, sofrem com a ação direta ou indireta do discurso autoritário que se articula. Vicentina, apresenta uma passividade e a impotência frente aos interesses dos poderosos na região. Seu destino, ou melhor, sua sorte, é determinada ainda na infância, quando, sua mãe recusa as investidas de Antônio do Porto, e a protagonista vê-se arrancada de seu núcleo familiar sofrendo inúmeras humilhações e diversos tipos de violência, levando uma vida miserável, embora seu interior se conserve bom e terno.

Apesar de ser protagonista da narrativa são poucas as vezes que ela adota uma postura ativa e de resistência frente o comportamento dos homens, sendo a primeira vez quando defendera sua filha do ataque violento de seu esposo, Chico Mulato, e, na segunda ocasião, quando, já no final da narrativa, resolve abandonar o dono da venda, conjugue de quem sofre agressões.

Diferente de Vicentina, Mariquinha, de Amor de Maria, coloca-se contra os costumes e hábitos sociais, desde o princípio da narrativa, pois a personagem recusa os pedidos de casamento por parte de diversos pretendentes, inclusive, salientados como bons partidos através do discurso do narrador.

Outra forma de resistência da personagem protagonista frente ao ponto de vista e as críticas implícitas do narrador (que carrega o discurso social vigente naquela época) é quando a moça se encontra às escondidas com Lourenço, seu ambicionado amor, e quando resolve conquista-lo utilizando-se do tajá que o encantaria. A postura resistente da personagem, no entanto, apresenta consequências dramáticas, pois acaba envenenando-o e causando sua morte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Israel. **Lendo literatura “da” Amazônia sob a ótica de gênero: uma análise literária de “Amor de Maria”, de Inglês de Sousa**. In: Revista Soletas, Rio de Janeiro, n. 26, p. 196-218, 2013.
- DIMAS, Antonio. Introdução. VERÍSSIMO, José. **Cenas da vida amazônica**. São Paulo: Editora W M F Martins Fontes, 2011.
- FURTADO, Marli. **Faces do Realismo no retrato da Amazônia brasileira**. In: O eixo e a roda, Belo Horizonte, v. 24, n.2, p. 85-103, 2015.
- LUCAS, Fábio. **O Caráter Social da ficção do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1987.
- NUNES, Benedito. **Do Marajó ao arquivo: breve panorama da cultura no Pará**. Org. Vitor Sales Pinheiro. Belém: Secult: Ed. UFPA, 2012.
- SALLES, Vicente. Introdução. DOLZANI, Luiz. **História de um pescador; cenas da vida do Amazonas**. 2.ed. Belém: Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves; Secretaria de Estado de Cultura, 1990. p.7-17.
- SOUSA, Inglês de. **Contos amazônicos**. 3ª Edição. São Paulo: Editora W M F Martins Fontes, 2004.
- TUPIASSÚ, Amarílis. José Veríssimo, crítico e contista. In: **Escritores da Amazônia e de outros nortes: uma leitora inquieta**. Belém: Secult, 2016 p. 49-58.
- Introdução. SOUSA, Inglês de. **Contos amazônicos**. Belém: EDUFPA, 2005. p. 15-27.
- VERÍSSIMO, José. **Cenas da Vida Amazônica**. São Paulo: Editora W M F Martins Fontes, 2011.